

MUSSES



acoustic

FICHA TÉCNICA

RUSSÔ, voz e vocal, PAULÃO, percussão

AVISO - Zé Neto , violão, sintetizador, RX 11, vocal

5:00 - Mazinho Ventura, baixo

DEVASTAÇÃO - Zé Neto , violão, craviola, Takamine midi,
RX 11

4:20 Mazinho Ventura, baixo

APERREIO NO RUSH - Zé Neto , violão, vocal, sintetizador

4:20 - Mazinho Ventura, baixo, RX 11

BAIÃO DO ASFALTO - Zé Neto , violão, craviola

3:10 - Mazinho Ventura, baixo

CANÇÃO DA SERRA - Zé Neto , violão, craviola

3:00 - Mazinho Ventura, Takamine midi

VALSA MATUTA - Zé Neto , violão, RX 11

2:55 - Marcelo Martins, flauta transversa

Mazinho Ventura, baixo

ABOIO - Zé Neto , violão, craviola, baixo, Takamine midi, vocal

6:05 Claudia

HAJA PACIÊNCIA - Zé Neto , violão, RX 11

4:10 - Marcelo Martins, sax alto

Mazinho Ventura, baixo

REPENTE - Zé Neto , craviola, sintetizador

4:32 - Mazinho Ventura, baixo, RX 11

FORRÓ DE ARCOVERDE - Zé Neto , craviola, sintetizador

4:20 - Mazinho Ventura, baixo, RX 11

COCO FORTE - Zé Neto , craviola

3:30 - Serginho, Takamine aço

Mazinho Ventura, baixo

CONTEMPLAÇÃO - Zé Neto , craviola

4:25 - Guilherme Bedran, Rabeca

Claudia, vocal

Produção: RUSSÔ

Edição independente gravada nos Estúdios TRILHA CERTA (Niterói)

Técnicos de gravação e mixagem: Zé Neto e Mazinho Ventura
Cafezinhos - D. Jô - Agradecimentos a todos que ajudaram



José Roosevelt Dias (Russô) (021) 717-9463

Todos os Direitos Reservados ao Autor

Impresso no Brasil em 28 de julho de 1989

Revisão Geral - Antônio Carlos (Grego)

Creio que nesta primeira edição de minhas composições cabem adicionalmente algumas palavras sobre minha relação com a poesia e a música.

Devo ser breve, embora o assunto seja polêmico e, para começo de história, muitos artistas evitam em se envolverem com análises e discussões sobre linha de trabalho assumindo que o ato de compor é mágico e transcende o racional. Por isso, dirijo este texto mais àqueles em processo de formação de sua personalidade de compositor, em termos de não se violentarem aceitando simplesmente as regras do jogo. Afinal, um artista do terceiro mundo se vê, sendo do povo, na contingência de um reivindicar, uma vez que coisas absurdas estão bem às claras.

O direcionamento da música e da poesia é bastante amplo, e se estende em campos tais como musicoterapia, meditação música ambiente, música experimental eletrônica ou na "sinfonia do coração" de um ecocardiograma, etc...

Mas basicamente o artista quer se integrar ao mundo (ao exercer a arte) e se sentir menos vulnerável pois normalmente, devido à sensibilidade nata, às suas "antenas" se vê numa tábua rasa em meio a um oceano em tempestade. Isto não combina com a personalidade de um ditador por exemplo.

O ato de sentir, de captar o sutil é distante na sua essência do de massacrar, explorar...

Assim, é prática de pessoas que desenvolvem atividades mais "secas" ou de mais "status" abafarem seu lado artístico.

Por outro lado, quando o artista expressa sua crítica ao poder (político, econômico, social, etc...) crê ter chances de atingir a parte sensível daquele ou daquela classe que momentaneamente imponha condições de subvida a outrem.

O homem, em sua condição básica, usa a complexa mente para sua sobrevivência: ele pesca, caça, pensa e organiza, ama e reproduz sem que disto resulte uma personalidade de predador. Tal é o estado por exemplo do índio brasileiro que vivenciou

um estado de auto-suficiência e uma relação com a natureza que nenhum país dito civilizado jamais conheceu: alimento, terra moradia, educação e saúde e além disso não ter de exportar ou importar por dispor do importante para viver, tendo sua arte e um bom-senso incriveis de dar um basta aos anseios de acumular, possuir...

A tecnologia, o dinheiro a doutrinação, a violência e o preconceito permitem que alguns se sintam num estado de poder absoluto, como se fossem deuses no que concerne a decidir até mesmo se homens ou raças devem existir.

Ao se expressar poética e musicalmente o artista pode ser solidário aos que estão submetidos ao sofrimento em troca de nada. Vê-se escandalizado frente a esta forma imposta por um ser da mesma galáxia e mesma espécie, um "semelhante" seu.

A seleção destas composições (ou captações como dizem alguns) apresenta de modo simples mas direto a alegria de um forró (forró de Arcoverde), a indignação frente aos predadores (aviso, devastação, valsa matuta), aos que mantêm desigualdades sociais aberrantes (haja paciência), ao desconforto injustificável das metrópoles (aperreio no "rush", baião do asfalto) e a importância de sermos ouvidos (repente), uma homenagem em métrica livre aos cantadores nordestinos que cantavam seus pensamentos e fatos, sendo os precursores dos meios de comunicação em sua região.

Russô⁴ (José Roosevelt Dias)

Conheço há muito o trabalho de Russô. Trata-se de um artista para quem a estética se encontra inteiramente subordinada à sinceridade.

Linha melódica fluente e natural aliada à uma poética despojada e crua, sem artifícios, o canto de Russô tanto pode adquirir uma feição cáustica, fruto de um telurismo inquebrantável, quanto uma outra, mais contemplativa, embora nunca resignada. É que o Russô vem de uma região pobre e sofrida, castigada pela inclemência do sol e principalmente pela ambição desenfreada de certos, digamos, "seres humanos". No Nordeste ele plantou suas primeiras raízes, após, viajou, tendo a oportunidade de conhecer em terras de França o movimento da "Chanson Poétique" ou seja, a retomada da poesia cantada dos antigos provençais revestida de contemporaneidade. Hoje, em seu país, professor universitário e poeta-cantor de uma lealdade admirável para com a sua (nossa) gente, Russô, que bebeu da mesma fonte em que beberam Elomar, Sérgio Ricardo, Brassens, Moustaki, sendo assim nacional e universal, nos brinda com uma obra madura e emocionada, onde a caatinga e o asfalto, libertos de sua dimensão temporal e espacial, se confundem num sonho apenas adivinhado (imaginação?).

Com a palavra o poeta:

Eu levaria minha vida no riacho
Nesta serra com seus verdes, sua lua seu luar
Mas a viola me fez este peregrino
E assim desde menino, sou eterno caminhar

Que coisa linda, companheiro! Acredite: na correnteza deste riacho vão contigo todos os nossos anseios de um mundo mais justo e solidário, perdido, quem sabe, em algum barquinho de papel urdido pela criança que um dia fomos e que decerto, há de estar nos esperando ao termo do percurso! Coragem, Russô!

Se o número é infinito, a palavra no poema a própria alma revela! E uma palavra com alma vale mais que um número cifrado.

Afinal, o que nos fascina em matemática não é a noção do desmedido?

Mário das Neves

A poesia é conhecimento, salvação, poder, abandono.

A poesia revela este mundo, cria outro... – afirmou Otávio Paz. E assim, é o universo poético de Russô, alimentado pela magia de resgatar o homem, a infância, o éros, a mulher, a natureza e o sentimento Nordestino.

A sua poesia é um mosaico de terras permeado de luzes e sombras, cores e sons engendrando cantos de angústias e de silêncios numa procura de trilhas de esperanças:

“procure na cidade um recanto amigo”, o “povo vai vivendo como irmão desvendando os segredos do universo”.

O seu eu-lírico perpassa em todas as suas poesias o conhecimento do seu mundo na tentativa de ordenar o caos. Instaura a poesia como a própria vida.

Mergulhando no universo de cores e sons de Russô percebemos todo o vigor, toda a intensidade, toda a força de vida que se faz presente através de sua poesia. Ela converte a pedra, a palavra, a cor, o som em imagens – imagens, criação da própria linguagem. A sua poesia é confirmação, libertação.

“E aí o poeta ergue a voz e ensaia de novo, trazer nova luz para despertar o povo, que hoje na Terra é o rebanho maior”.

“Eu levaria minha vida no riacho
Nesta serra com seus verdes, sua lua seu luar
Mas a viola me fez este peregrino
E assim desde menino sou eterno caminhar”

Maria Nazareth de Souza

O cantor exclui de si a aurora prenhe de armadilhas (confeccionada por alguns, os mais expertos). Esta aurora (falsa e de entulhos) não é a mesma (a de róseos dedos) da de Homero.

O cantor (compositor), cito Russô, indaga, uníssonos com a solidão das grimpas do nordeste onde a lua e a lei perfazem a voz da pétala amada, onde lampião serve de pano de fundo para alguns incautos aventureiros. É, Russô, "a maldição continua".

Falemos do "Coco Forte", uma das grandes obras do mestre compositor e violeiro, Russô; o coco é uma dança popular de roda, originária de Alagoas, e acompanhada de canto e percussão.

Eis uma estrofe:

"Na Itália, uma irmã
é chamada de Sorela
tô mudando de assunto
p'ra esquecer um pouco dela.
A cabeça de um poeta
só pode ter coisas belas
mas às vezes ele se espanta
Com os mistérios desta terra "

É Russô, o poeta destoa feito uma cor estranha no círculo de uma aquarela hipotética. Quanto aos "MIST-ÉRIOS", palavra grega, são muitos. Cabe a você desvendá-los, retirar o "fetiche" que alguns, por desventura, puseram nesta terra, nesta terra que Gagárin (ou Gullar) foi o primeiro a dizer: é azul! e já o sabíamos...

GREGO

O Russô me pediu três palavras...

Eu ia falar de poesia e do poeta, coisa que todos nós temos mania de fazer. Mas, na verdade, acho que seus versos falam por si mesmos.

Então, pensei em falar de Nordeste, de poeira, de mata, do Homem, do mundo. Mas aí me lembrei que Russô, mestre nisto, já fala destes temas nesta obra, sem precisar de tradutor. Daí resolvi falar do "Zé" (é assim que chamo o Russô).

O Zé é um nordestino criado no Rio e "morado" em Paris. É poeta: abstrato; e é matemático; concreto (concreto?).

Na realidade, ele é apenas mais um "maluco" que sonha... Que sonha com um mundo que poderia ser. É mais um ser humano. Um ser humano que grita e merece este nome.

O "Zé" está aí nesta obra, de peito aberto e sem timidez e está aí, travestido em Russô, pronto para a gente conhecer.







Eu sei que minha opinião é suspeita, mas mesmo assim, asseguro, sem medo de errar, que vale a pena fazê-lo.

aos 13 de junho de 1989







Mauro Oddo Nogueira

Índice

Lado A

Aviso.....	17	
Devastação.....	18	
Aperreio no Rush.....	21	
Baião do Asfalto.....	23	
Canção da Serra.....	25	
Valsa Matuta.....	27	

Lado B

Aboio.....	29	
Haja Paciência.....	31	
Repente.....	32	
Forró de Arcoverde.....	34	
Coco Forte.....	36	
Contemplação.....	38	

AVISO

Autor: Russô (José Roosevelt Dias)

TEXTO

No início, não havia forma de vida sem predador
para escapar a este destino algumas espécies evoluíram
a Terra gerou seres cada vez mais complexos
e assim, como num incêndio de combustão espontânea surgir o
homem

O "HOMO-SAPIENS", a forma de vida mais evoluída
que a Terra jamais gerou antes de exaurir sua energia gasosa.
O "HOMO-SAPIENS": o predador-mor.

Em breve, o homem saberá como riscar do Universo
o próprio planeta que lhe deu origem,
pois já tem poder de destruir
toda forma de vida da superfície, com sua bomba de Nêutrons
O homem destrói uma floresta para extrair o papel
onde mais tarde escreverá sobre a defesa do meio ambiente.
Sua inteligência não é suficiente para entender o Universo
mas sua mente é cheia de conflitos, com a dualidade
morte-vida, o tudo, o nada.

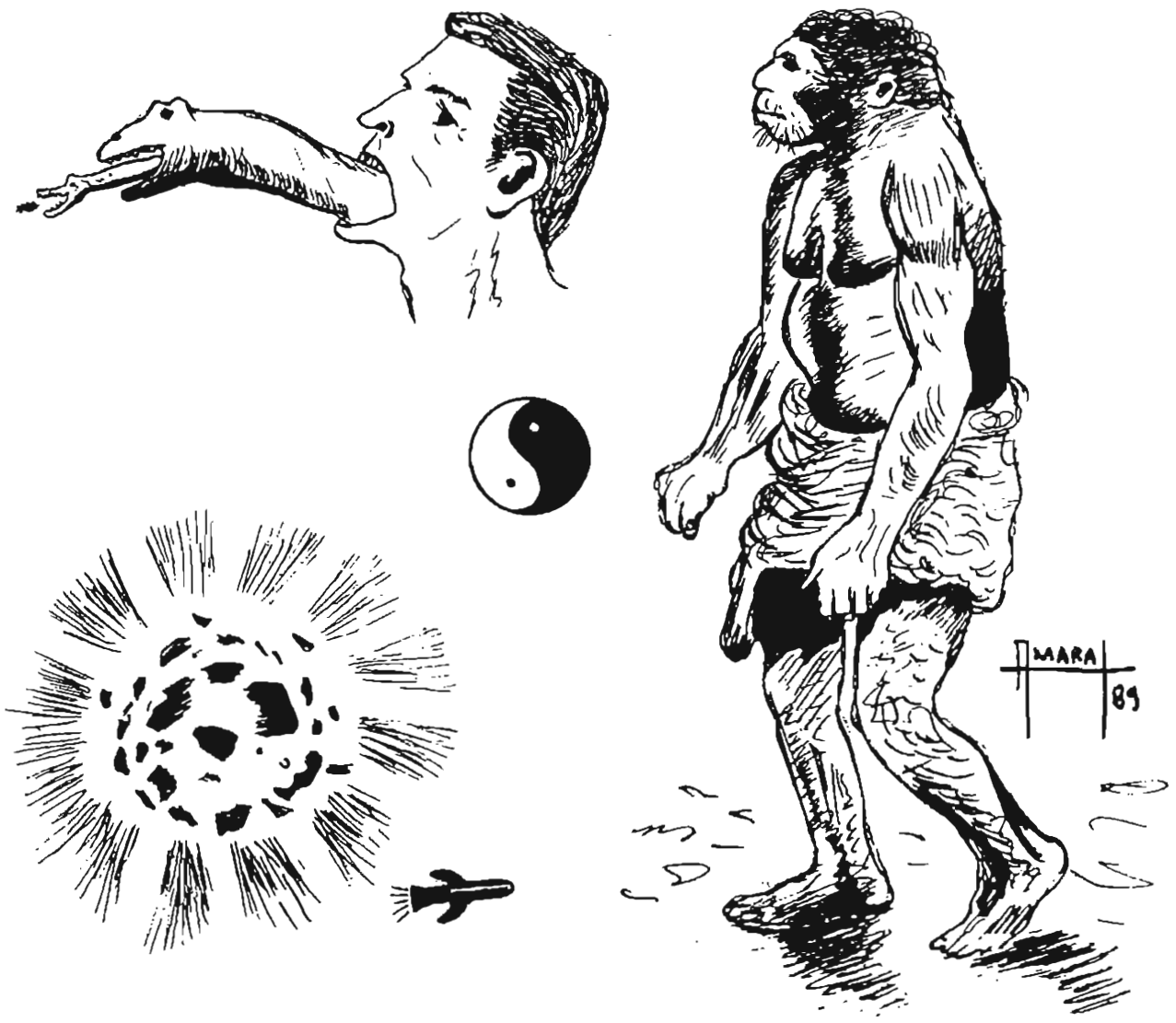
LETRA DA MUSICA

À mata se estarreceu, pois sabe que vai acabar
Os carros, os edifícios, vão tomar o seu lugar
O homem devora o homem, este é um fato singular
Pois o resto dos outros seres, só mata para comer

Não há avanço do homem, que não sirva para matar
E numa guerra de mais valia, ele próprio fenecerá
Das areias do deserto, outros seres nascerão
Amando ao sabor dos ventos, sem o homem a trucidar

Morreram os dinossauros e o mistério não se esclareceu
Apenas evitaram o que a baleia conheceu
As viagens estelares, mostram nossa solidão
Não há outra Galaxia que queira o homem como irmão

O homem está neste mundo, de um modo irracional
E por isso é tirano, pois sabe que é mortal
Deve haver outros seres, de vida mais natural
Que não conhecem o conflito que existe entre o bem e o mal



DEVASTAÇÃO

Autor: Russô (José Roosevelt Dias)

De férias viajas pra longe num sentido vazio
O cansaço, o pulmão, a vida por um fio
Procuras o ar puro e não sabes onde tem

Devastastes, pusestes asfalto e concreto empilhado
O progresso levou à viver enjaulado
Por cima de vales onde a "cerca" era a flor

Poluístes a água que a vida te foi concedendo
Indústrias das cópias fazendo veneno
Que pensas importante à todos vender

Nunca mais uma fruta sem troca tirada e comida
Te vendem o que comes e o que chamas de vida
É atar nossos pés e os seios da mulher

E aí o poeta ergue a voz e ensaia de novo
Trazer nova luz para despertar o povo
Que hoje na terra é o rebanho maior

Pois há homens que matam irmãos para impor o "conforto"
O poder econômico nos deixa absortos
Impede tornar nosso mundo para nos

Esta estrela que você ve brilhar não é só luz e devia saber
ainda tem condição de explodir sua estória virá num quasar
Muito antes do homem existir, esta terra era bela rapaz
Foi você quem traçou o equador, Hiroshima não vai lhe esquecer
se você pensa que este céu azul, que você nada faz pra manter
Esta ai só pra lhe proteger, veja bem não existe o seu céu



MARA 89



APERREIO DO RUSH

Autor: Russô (José Roosevelt Dias)

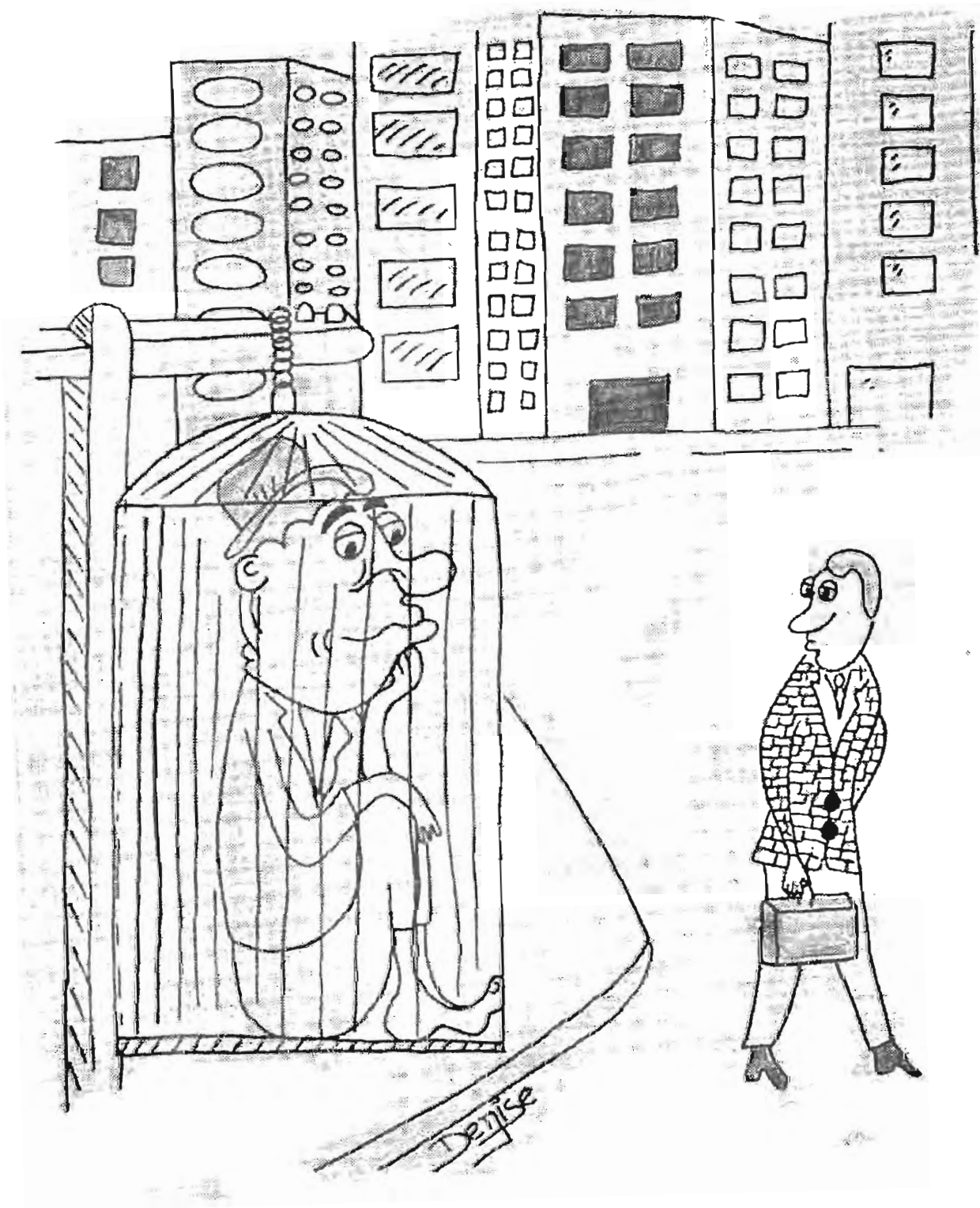
Vai virando uma cinza, como é fim de tarde
Junto ao ar poluído, comprimido da cidade
As buzinas pipocam, os faróis relampeiam
E o apito do guarda coordenando o aperreio

(REFRÃO)

E na porta do Horto, um encontro de amor
E na sua aorta, o enfarte o calor
E na porta do Horto, dois olhinhos de amor
O senhor está morto e o patrão não pagou

(REFRÃO)

E na porta do Horto, a essencia da vida
E você vai ao banco, é a fila é a corrida
Dois engodos do homem, ou dois frutos sem cheiro
É a pressa do tempo e o amor a dinheiro



BAIÃO DO ASFALTO

Autor: Russô (José Roosevelt Dias)

Todo mundo está errado, agasalhado no concreto
Veja mais de perto o que outro viu
Sente-se à mesa, tome um trago meu amigo
Olhando um carro branco atropelar mais um

Vá em frente na cidade, te dizem todo dia
Arranje mais dinheiro pra poder gastar
Componha um guarda roupa, vá de carro pro mercado
Arranje logo um gato se não tem com quem ficar

Horizonte na cidade é sala do vizinho
Que vive dando festa pra poder viver
O canto do canário, as flores lá do campo
Vieram engaiolados ou nas fotos pra você

Procure na cidade um recanto amigo
E logo saberás, todos sofrem como tu
Respeite o cara ao lado que está desempregado
Devendo mais dinheiro que a balança do Brasil



CANÇÃO DA SERRA

Autor: Russô (José Roosevelt Dias)

Eu levaria minha vida no riacho
Nesta serra com seus verdes, sua lua seu luar
Mas a viola, me fez este peregrino
E assim desde menino, sou eterno caminhar

(REFRÃO)

No meu ponteio, sempre há da luta um pouco
Vejo casas sem rebôco, sofrimento e solidão
E o homem aflito, que recorre à cidade
Como se a caridade, devolvesse o que perdeu

(REFRÃO)

Enquanto o homem, não trilhar a sua trilha
E souber que este caminho ele mesmo deve abrir
Ele e a vida, serão dupla pequenina
Qual inseto e lamparina, a voar, voar, voar



MARA 89

VALSA MATUTA

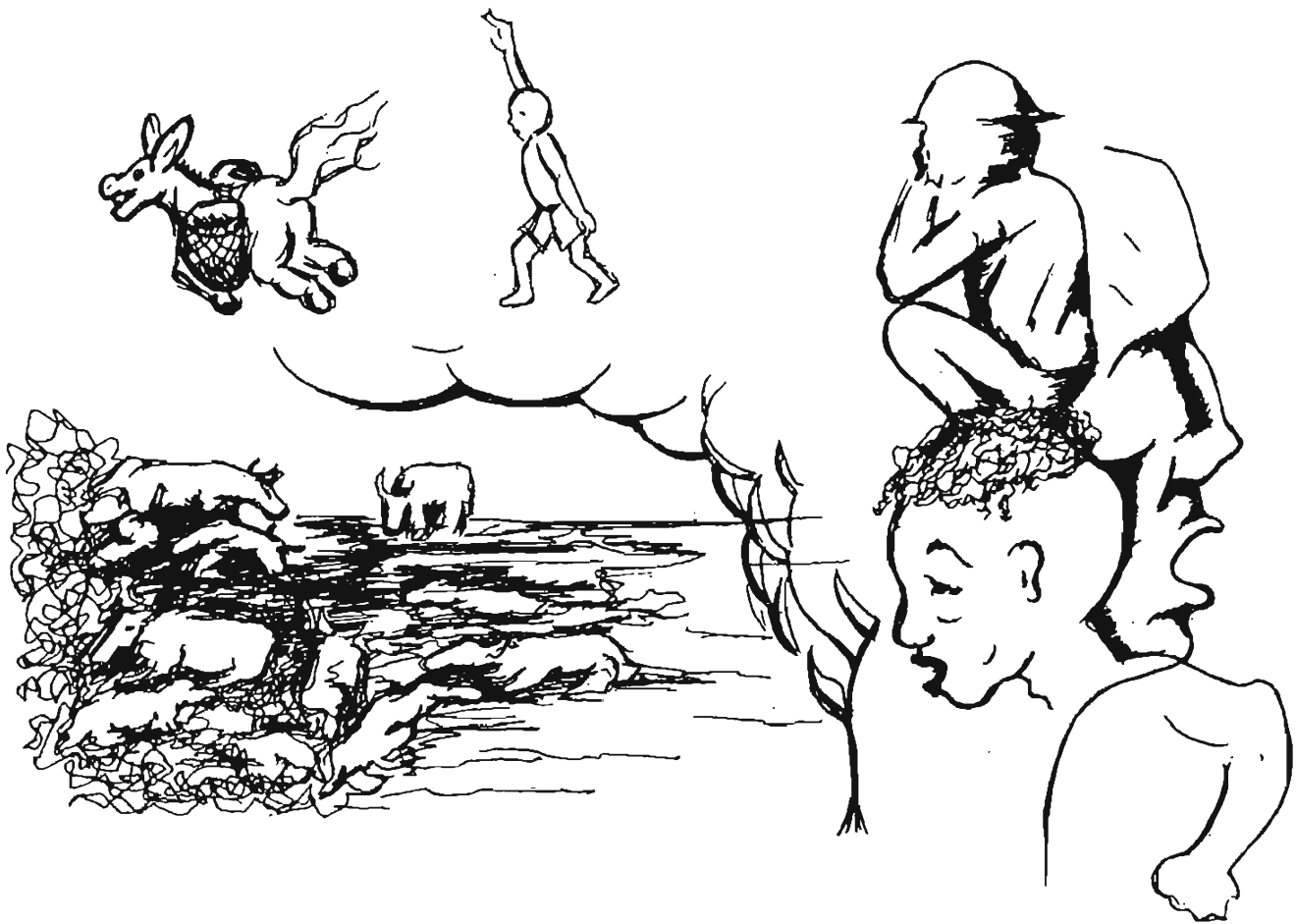
Autor: Russô (José Roosevelt Dias)

Ai, meu irmão
A megera tardou mais chegou
Que terror se alastrou no sertão
É que o povo escutou o zumbido
Das indústrias arrasando o matão

Seu doutô, a coisa que mais gosto
É do mato e os meninos no chão
É da terra onde planto e me espalho
É da lua dourando o sertão

Quanta gente doutô da cidade
Tem saudade ao sair do sertão
Que precisam da dona natura
Pro veneno sair do pulmão

Seu doutô o que nós que é escola
Pros meninos sabê onde estão
Para usarem a cabeça direito
Pra mentira sair do sertão



ABOIO

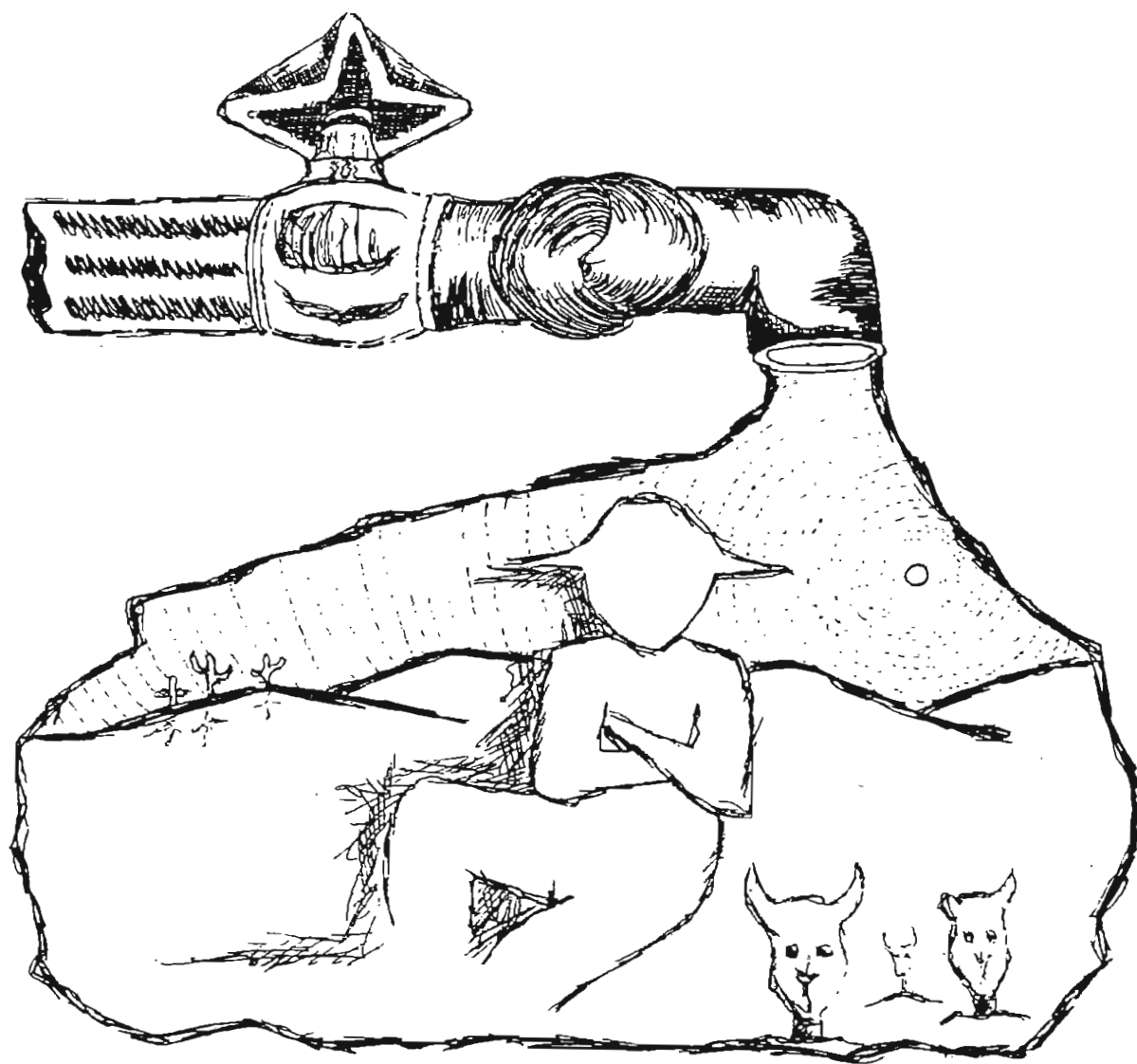
Autor: Russô (José Roosevelt Dias)

É no aboio que espanto a solidão
Na mata seca, na poeira do sertão
Canto pro gado sem esporas, sem ferrão
Um canto morno, como um canto para um irmão

Inda menino vendo a chuva no sertão
Ia às biqueiras de "short", de pé no chão
Nas vaquejadas, o esporte da região
Tinha heróis ligeiros que nem clarão
Que no outro dia sem aplausos sem gibão
Iam descalços pra feira ganhar o pão

'Fasta malhado que esta trilha é assombração (Repete)
É trilha torta, foi o diabo quem fez com a mão (Repete)
Foi nesta trilha que encontrei com Lampião (Repete)
Vinha ferido, dizendo acode irmão (Repete)
É guerra homem os cabras tem jeito não (Repete)
Isto tá podre tem inté poluição (Repete)
Aí seu moço eu lutei por Lampião (Repete)

Lutei por ele pra salvar o meu sertão
Quantos matei, memória não diz mais não



HAJA PACIÊNCIA

Autor: Russô (José Roosevelt Dias)

A espera é a virtude dessa gente do sertão
Com toda razão

Pois espera por governo e pela chuva com trovão
Só vem seca e ladrão
Quando pensa ter a terra que plantou com seu carinho
O coronel lhe rouba o ninho
Se o tempo é de seca, em vez de carne tem o pó
Em vez de água tem o sol

Mais se o tempo é de cheia, água lhe barra a estrada
Não há ponte camarada
No roldão das águas fortes não adianta barricada
A lavoura é arrancada

No Nordeste quem tem pressa se aborrece e não faz nada
Pois a vida está parada
Os tiranos e a natureza destroem todo o trabalho
Tiram pão e agasalho

NOTA: Dedico esta letra aos que lutam para que o Nordeste adquira pelo menos um nível de vida decente, portanto livre da miséria em que vive: políticos, artistas, professores, etc.

REPENTE

Autor: Russô (José Roosevelt Dias)

Pra você cavalgar o cavalo do céu você tem de aprender
Se a vida é pesada, parada sem graça o motivo é você
Na cabeça a preguiça, nos olhos a venda, não fala não vê
Vai o mundo girando, mudando e andando e o meio é você

E você ignora um povo que chora um amor que morreu
Que tudo que ocorre, melhore ou piore se fala de Deus
Você canta em versos este mar que atravesso sem ser um Judeu
Uma raça parida num beijo curtido com fé sem adeus

Pra juntar o que é junto, amar o amor não precisa viver
É com ferro quente que a gente fabrica a espada e o colar
A História é um livro sem início ou volume, sem capa nem cor
Vivida e curtida que se movimenta numa soma de amor
Mas o homem só imita analisa e discute os tiranos da dor
Se você vê um mito os anos a fio ficar e vencer
Lembre do mosquito que o vento navega e o alimento é você

Tanto homem escreve e às vezes esmorece de tentar falar
Mas os "Doutos das Letras" repetem o antigo com medo de errar
Penetrar em um mundo que o outro abriu quer nos choque ou não
É tarefa primeira que os homens dos mitos deviam fazer
E aqui com um ponto pretendo ser simples e os versos parar
Escrever sobre tudo, o sol mar e muro impossível fazer

Vamos nós neste repente, de viola ensarilhada
Dizendo nossa amizade das coisas que o homem mata
Se o homem tem coração, viola é faca afiada
Desperta nêle a saudade, soluços de sua amada
Vendo a chuva no sertão, verdear a mata inteira
Vi que a tristeza no fundo não passa de uma poeira

O filho do Zé Vaqueiro, saiu alta madrugada
Foi-se embora pelo mundo, com a morte e mais nada
No braseiro, na fomalha o sertão me viu nascer
Pego touro pelo rabo e não sei o que é temer
Nas enchentes corto rios, vejo casa afundar
Minha vida é um desafio, tem mais histórias que o mar
Onde estão os meus amores este sol vai me mostrar
O trabalho com o gado me dá força pra cantar
E aqui com um ponto, pretendo ser simples e os versos parar
Escrever sobre tudo, o sol, mar e muro, impossível fazer



FORRO DE ARCOVERDE

Autor: Russô (José Roosevelt Dias)

Ainda me lembro dos forros lá do Nordeste
Onde eu dançava aparradinho arrasta pé
Eu apeava do cavalo e entrava
Tal um tarado procurando por mulher

Na escuridão que o lampeão oferecia
Eu beliscava todas bundas do salão
Eu era agil e ninguém me descobria
Outros pagavam pela minha confusão

Eu fui cheirando os suvacos das mulatas
Que se banhavam nas cacimbas do sertão
Fui aprendendo a domar moça tal garrote
Esporeando cada vez um coração

Até que um dia fui dançar com uma morena
Cai por ela e saímos do padrão
em vez de beijo dei-lhe um cheiro no cangote
A coisa pega e saímos do salão

O pai bela me pegou junto com ela
Com a berimbela já crescida em sua mão
E disse moço tu tens de casar com ela
e me aplicou a forte lei lá do sertão

Pra compensar eu disse que gostava dela
Eu disse ter um grande dote em ouro em pó
Ter várias casas com três quartos e dez janelas
Eu que só tinha minha roupa e um urinol

Por isso mesmo ela me deu os dozes filhos
Vivo apertado e não tenho bangalô
Ela é esqueleto que só olha prus bruguelos
E isso é tudo que restou do nosso amor.



COCO FORTE

Autor: Russô (José Roosevelt Dias)

Ponho fôlça neste coco
Para encher minha gamela,
Você faz o nosso almoço
E depois lava a panela,
Mas depois eu faço amor,
Dou-lhe um abraço na titela.

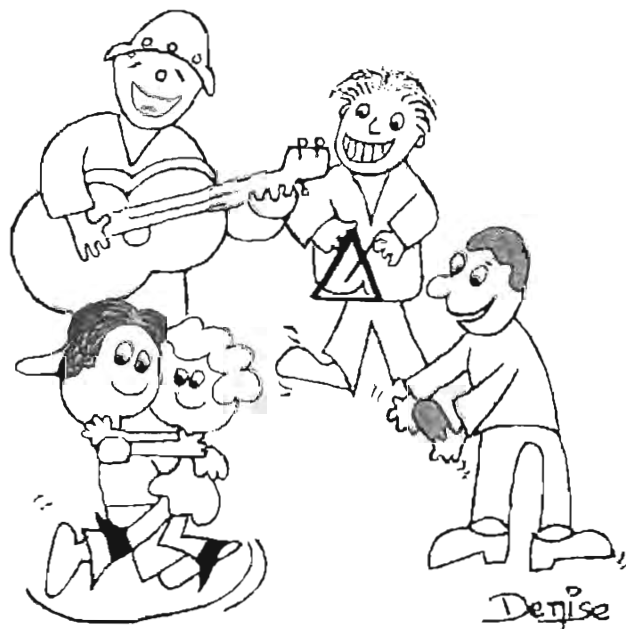
A morena que eu gosto
Tem mesmo côr de canela,
Eu trabalho prá ser livre
E cair nos braços dela
Que a rosa quando cheira,
Tem espinhos mais é bela.

Uma coisa que me engasga
é que há o noivo dela,
Cada vez que ouço um tiro
Penso nêl na capela,
Não consigo imaginar
O cabra nos braços dela,
Aí pego na viola
Pra ficar mais perto dela.



Na Italia uma irmã
É chamada de sorela,
Tou mudando de assunto
Prá esquecer um pouco dela
A cabeça de um poeta
Só pode ter coisas belas
Mais às vezes ele se espanta
Com os mistérios desta terra

Há os magros, há os gordos
Há os feios, há os belos
Se um pobre quer dinheiro
Vai parar no cemitério
Se trocar ricos e pobres
Vai ficar um lero-lero,
Pedro é Paulo, Paulo é Pedro
Só Oto fica o que era,
Com a casa de varanda
E com mais de mil janelas
E aqui vou terminando
Mando um abraço pra platéia



CONTEMPLAÇÃO (tempo de espera)

Autor: RUSSÔ (JOSÉ ROOSEVELT DIAS)

No sertão
Às vezes a tristeza devora
E a alma se descola
Percorrendo a imensidão
Do sertão

No sertão
Das cinco pras seis do dia
A terra um pouco mais fria
Traz para nós a solidão
Do sertão

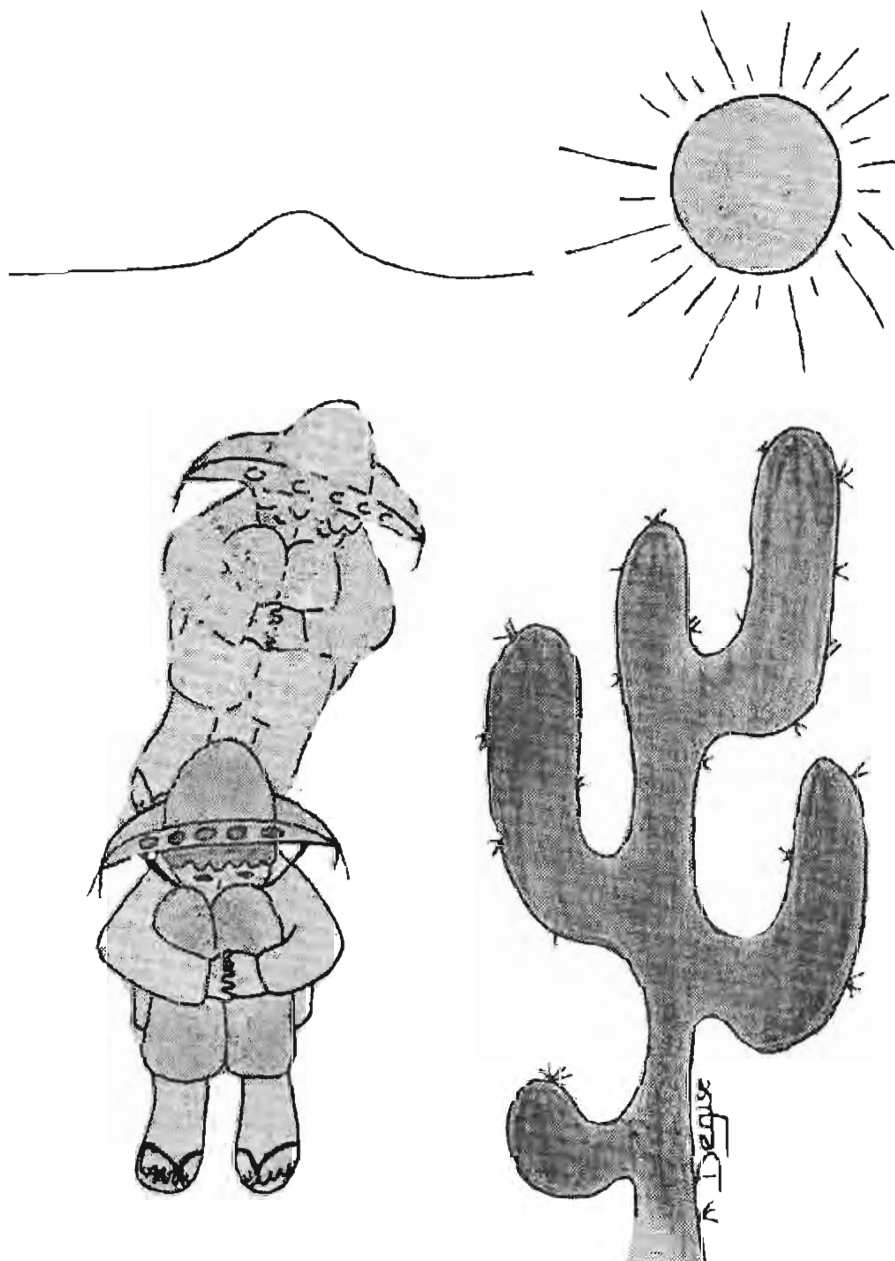
No sertão
Se sabe que a mente é cheia
Se sabe que a coisa é feia
Se pensar, lá no sertão
No sertão

No sertão
As aves fazem colcheias
As trevas com lendas chegam
E pedem imaginação
No sertão

O horizonte
Tem o verde lá da serra
E o vapor que dela sobe
É a aura do sertão

A pensar, ,
Ó homem recobra a calma
Enquanto medita e fala
Dos deuses que nunca viu

Dedico esta letra a meu pai, numa homenagem póstuma (1919 - 1989)



Diagramação e Arte – Almir Miranda e Johnson
Produção Gráfica – Wziel Ramos